

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SILVIA DELLA GIUSTINA

**MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”
EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE**

Florianópolis

2021

SILVIA DELLA GIUSTINA

MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”
EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Francês da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Francês. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

SILVIA DELLA GIUSTINA

MEMÓRIA E “RECREAÇÃO”
EM *AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT*, DE DANY LAFERRIÈRE

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras-Francês.

Florianópolis, 21 de maio de 2021.

Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier

Orientadora e Presidente da Banca

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Kelley Duarte

Universidade Federal do Rio Grande

Doutoranda Luíza Mazzola

Pós-Graduação em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina

*Pourquoi je me sens si proche, ce soir,
d'un poète mort depuis longtemps?
Si la poésie fascine encore, c'est parce qu'elle fait
trionpher l'émotion du temps.*
(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pyjama)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier, que conheci no segundo semestre da graduação e me apresentou a literatura canadense, por mostrar-me os caminhos da pesquisa. Minha imensa admiração por quem você é, por sua organização, competência, profundo conhecimento literário e por tudo que compartilha, não apenas comigo mas com todos os seus alunos e orientandos. Obrigada pelo incentivo e por acreditar no meu trabalho.

Dedico este trabalho à Cecília, Bruno e Alessandro, com quem partilhei minhas leituras durante estes cinco anos de graduação no Curso de Letras-Francês. A todos os estudantes no Brasil, para que acreditem na luta em defesa da universidade pública.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe uma reflexão sobre a obra *Autoportrait de Paris avec Chat* (2018), do autor de expressão francesa das Américas, nascido no Haiti, Dany Laferrière, a partir do conceito de rastros e vestígios memoriais (BERND, 2013) e de livro-recreação (LAFERRIÈRE, 2013). Para isso, em um primeiro momento, aborda-se o percurso de Laferrière, enquanto escritor das Américas e intelectual migrante. Num segundo momento, o foco central é a análise dos fragmentos que formam o *corpus* desta pesquisa e as relações entre palavra-desenho e memória-literatura, fundamentais neste livro. Esta pesquisa tem o intuito, portanto, de contribuir aos estudos canadenses no Brasil, tanto no que se refere, de maneira mais geral, a Dany Laferrière quanto no que se refere, de modo mais específico, à obra *Autoportrait de Paris avec Chat*, ainda inédita em língua portuguesa.

Palavras-chave: Memória. Vestígio. Desenho. Estudos Canadenses. Dany Laferrière.

RÉSUMÉ

Le présent mémoire de conclusion de cours propose une réflexion à propos de l'œuvre **Autoportrait de Paris avec Chat** (2018), de l'auteur francophone des Amériques, né en Haïti, Dany Laferrière, à partir de l'idée de traces et de vestiges mémoriaux (BERND, 2013) et de livre-récréation (LAFERRIÈRE, 2013). Pour ce faire, dans un premier temps, nous nous penchons sur le parcours de Laferrière en tant qu'écrivain des Amériques et intellectuel migrant. Dans un second temps, l'accent est mis sur l'analyse des fragments qui forment le corpus de cette recherche et les relations entre les mots-et-illustrations et la mémoire-littérature, fondamentales dans ce livre. Cette recherche se propose donc de contribuer aux études canadiennes au Brésil, à la fois pour ce qui est de Dany Laferrière, de manière plus générale, mais aussi, plus précisément, pour ce qui est de l'ouvrage **Autoportrait de Paris avec Chat**, toujours inédit en portugais.

Mots-clés: Mémoire. Trace. Dessin. Études Canadiennes. Dany Laferrière.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira capa.....	25
Figura 2 - Quarta capa.....	25
Figura 3 – <i>Incipit</i>	31
Figura 4 - A caixa de livros.....	32
Figura 5 – A flor	34
Figura 6 - O diálogo sobre o <i>académicien</i>	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O ESCRITOR E SUA OBRA.....	14
2.1 Percurso de um “homem-livro”.....	14
2.2 Do escritor de pijama ao autorretrato de Paris: livros-recreação.....	20
2.3 <i>Autoportrait de Paris avec Chat</i> pelos editores e pelo autor.....	22
3 AUTORRETRATO DE PARIS COM UM GATO.....	23
3.1 “Desenhar é uma forma de escrever”.....	23
3.2 Espaço-literatura-memória: Paris e seus artistas.....	28
3.3 Vestígios e percursos memoriais	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Dentre as disciplinas cursadas durante a graduação de Letras - Francês, já no segundo semestre, em 2017, optei pela disciplina Estudos Canadenses, ministrada pela professora Dr.^a Luciana Rassier. Embora a minha relação com a língua francesa já fosse antiga, tendo passado duas temporadas na França, em que tive a oportunidade de me familiarizar com a língua e a cultura francesas, somente no curso desta disciplina me dei conta da rica produção da literatura de expressão francesa nas Américas. Dentre os textos teóricos abordados, havia as considerações de Will Kymlicka sobre multiculturalismo, a análise panorâmica da literatura quebequense proposta por Patrick Imbert, professor da Universidade de Ottawa, e uma reflexão sobre o conceito de americanidade, desenvolvida pela professora e pesquisadora Zilá Bernd, intelectual de reconhecida trajetória acadêmica, pioneira no Brasil dos estudos quebequenses e pesquisadora no âmbito das relações culturais e literárias interamericanas. Neste artigo, era brevemente evocado o escritor Dany Laferrière. Zilá Bernd afirma estar o conceito de americanidade intimamente associado às questões de identidade, podendo corresponder a um anseio de afirmação identitária mais abrangente, por tratar-se de um desafio de identificação continental. Ela aponta que Dany Laferrière argumenta estar posicionado no “entre-lugar” americano, num lugar de cruzamento, sendo o continente americano um espaço de hibridação (BERND, *Americanidade/Americanização*, p.1 e 15).

Ainda nessa disciplina de Estudos Canadenses, apresentei um trabalho sobre o artista visual quebequense Jean-Paul Riopelle, diante de meu interesse por múltiplas formas estéticas. Em seguida participei de diversas atividades produzidas pelo Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-UFSC). Todas essas descobertas me levaram a viajar ao Quebec em julho de 2018. Chegando lá, percebi que as livrarias exibiam em suas vitrines o lançamento do mais recente livro de Dany Laferrière, um livro com desenhos. Lá adquiri algumas de suas obras, as quais fui lendo ao longo da graduação.

Chegado o momento de escolher o objeto do Trabalho de Conclusão de Curso, o estudo sobre a obra *Autoportrait de Paris avec Chat* (2018), de Laferrière se impôs, pois permite refletir tanto sobre narrativa literária e ilustrações, contemplando meu interesse por literatura e artes visuais, quanto sobre a literatura e a cultura das Américas.

Os estudos acadêmicos acerca das obras do autor são numerosos e objetos de pesquisa são dos mais variados, como exemplo, a tese *Exílio e retorno ao país natal em Sergio Kokis e Dany Laferrière*, de Luciano Passos Morais (2014), da UFF, a dissertação *Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau de Dany Laferrière*, de Heloísa Caldeira Alves Moreira (2006) da USP, o artigo *L'Extrême Contemporanéité de Dany Laferrière: la fabrique de l'écrivain mondial*, de Kusum Aggarwal (2020), publicada em *Interfaces Brasil/Canadá*, revista da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, a dissertação *Genre Autofictionnel et engagement Littéraire chez Dany Laferrière suivi de figurations*, de Samuel Sénécha (2015), da Université du Québec.

Autoportrait de Paris avec Chat é uma obra bastante recente, foi objeto de poucos estudos, e ainda não foi traduzida no Brasil. A pertinência e a contribuição de um trabalho de conclusão de curso em Letras-Francês sobre essa obra ficam, portanto, evidenciadas. Uma das possibilidades evocadas foi elaborar uma tradução comentada de uma parte da narrativa. No entanto, ao reler a obra, observei fortemente a presença de elementos referentes à memória, motivo pelo qual optei por abordar questões a ela relacionadas.

Ao realizar a pesquisa sobre textos teóricos sobre memória, deparei-me com a obra *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros* (2013), da professora e pesquisadora Zilá Bernd, obra ensaística em que se propõe uma releitura da literatura contemporânea das Américas a partir do conceito de rastros. Nessa obra, a autora propõe uma nova forma de leitura e de compreensão do passado de literaturas de migração a partir de vestígios memoriais de três autores de migração: Marie Célie Agnant, Stanley Péan e Dany Laferrière.

Sublinha-se que Zilá Bernd¹ é uma pesquisadora brasileira com reconhecimento no país e no exterior, especialmente por questões abrangentes à Memória Social, Vestígios Memoriais e Memória Geracional, além de temas relativos à Negritude e questões de racismo,

¹ Zilá Bernd recebeu diversos prêmios e distinções, entre eles, a medalha “NOBRE PARCEIRA” do Sr. Embaixador do Canadá, recebeu a Ordem nacional do Quebec no grau de oficial, da Assembléia Nacional do Quebec, recebeu a Ordem nacional do Quebec no Parlamento do Quebec, recebeu o Prix International du Gouverneur Général en Études Canadiennes, recebe o título de Chavalier de l'Ordre National du Québec, conferido pelo Primeiro Ministro da Província do Quebec. BERND, Zilá. Pesquisadora 1A CNPq, Prêmios e Distinções. Disponível em: <<http://www.zilabernd.com/premios-e-distincoes>>, Acesso em 26 abr. 2021.

da Literatura Brasileira, do Quebec e do Caribe de língua francesa. Procurei, em um segundo momento, outras obras da pesquisadora, e optei por privilegiar, no âmbito deste trabalho, o *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e das ciberculturas* (2014), organizado pela pesquisadora, o qual contempla verbetes como Memória e Literatura, Memória e Identidade, Memória e Tempo, Memória Cultural.

Ensina a professora Zilá Bernd que a memória não é propriamente uma disciplina, mas um vasto campo interdisciplinar, motivo pelo qual ela salienta que, nos estudos da Memória, seria a perspectiva transdisciplinar a mais fértil (BERND, 2013, p. 26 e 27). Além disso, Zilá Bernd parte de uma concepção de memória como processo. Não se trata de objetivo a ser atingido, mas algo que se persegue, sempre de forma fragmentária, inacabada, algo que se situa no espaço intervalar entre memória e esquecimento, não como oposições binárias, mas operações necessárias (Idib. p. 25 e 26).

Já no que tange, de modo mais específico, à relação entre memória e literatura, conforme explicita Maristela Tomasini

A relação entre memória e literatura é algo que se apresenta como praticamente evidente, na medida em que toda reconstrução do passado implica na organização de lembranças tomadas, seja de vivências pessoais e coletivas, seja do próprio imaginário, de sorte que a forma como se estrutura o pensamento literário, ora avaliza o imaginário, ora se opõe ao esquecimento, operando uma espécie de resistência (*in* BERND, 2014, p. 125)

Bernd também remete ao poeta e teórico literário quebequense Pierre Ouellet, quando este afirma que “só a literatura pode penetrar nas falhas e desvãos da história e da memória.” (BERND, 2013, p. 47). Partindo dessas leituras, senti-me instigada a refletir sobre *Autoportrait de Paris avec Chat*, sabendo de antemão que a complexidade e a pluralidade dessa obra vão muito além do que o recorte feito no âmbito de um trabalho de conclusão de curso de graduação objetiva. Trata-se de uma primeira abordagem dessa obra complexa, já com vistas a futuros desdobramentos.

Estruturado o trabalho em duas partes, em um primeiro momento apresento a trajetória do autor, incluindo dados biográficos, perpassando por sua produção literária, os prêmios recebidos, a fim de identificar ligações entre sua obra e seu percurso de vida e de escritor das Américas e sua recepção no Brasil. Destaco a crítica da professora e pesquisadora Eurídice Figueiredo em face da escrita de Dany Laferrière. Como este autor é recepcionado no Brasil? Interesse-me pelo conjunto de sua obra, suas reflexões sobre o próprio ato de

escrever, suas referências como leitor, bem como sua recepção pela Academia-Universidade e pela Academia Francesa, na qual foi entronizado em 2015. Já na segunda parte apresento um estudo mais analítico sobre esta obra *sui generis*. Faço um recorte do *incipit* e do quinto capítulo da obra do *corpus* e busco compreender a relação entre a memória e a literatura a partir do texto escrito e das ilustrações. Partindo do pressuposto que a ficção é o lugar privilegiado de memória, quais são os vestígios e traços memoriais presentes na obra estudada? Em que medida essa obra seria um “Livro-recriação” (LAFERRIÈRE, 2018) ?

2 O ESCRITOR E SUA OBRA

*On écrit dans la pénombre d'une petite chambre
avec une fenêtre qui donne sur la vie.*

(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pyjama)

2.1 Percurso de um “homem-livro”

Windsor Klebert Laferrière nasceu em 1953 em Porto Príncipe, capital do Haiti. Passou a infância no povoado de Petit-Goâve com sua avó por razões de segurança, uma vez que seu pai, intelectual e político, foi exilado no período da ditadura de François Duvalier, o Papa Doc. Foi neste povoado, rodeado por montanhas e o mar turquesa do Caribe que Laferrière aprendeu a ler e a escrever, ou seja, onde ele tudo aprendeu e onde teve uma infância feliz: “Foi aqui que aprendi tudo sobre o vôo sedoso da libélula, o cheiro da terra após uma chuva tropical e aquelas minúsculas coisas que estruturaram minha sensibilidade”^{2 3} (LAFERRIÈRE, 2018, p. 114).

O pequeno Vieux Os, apelido dado por sua avó Da, ouvia com curiosidade os contos que eram contados por senhoras para as crianças da vizinhança, que se posicionavam em círculos, histórias essas que se inscreviam na tradição oral. Os livros em casa eram uma raridade, o que tornava para ele as narrativas sagradas.

Aos dezoito anos ele retorna a Porto Príncipe, onde estão sua mãe - arquivista da prefeitura -, sua irmã e tias e inicia sua carreira de jornalista na Radio Haïti Inter e no semanário político-cultural Le Petit Samedi Soir. Como ele tinha recebido o nome do pai, Windsor, e isso se tornara perigoso por designar um homem banido, ele passa a ser chamado de Dany, também seu *nom de plume*. No entanto, falar sobre o cotidiano de uma ditadura o colocou em perigo. Em 1976, aos vinte e três anos, durante a ditadura de Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc e após o assassinato de seu colega Gasner Raymond, o jovem intelectual e jornalista era o próximo da lista. Diante disso, se vê obrigado a partir

²Sempre que houver citação em português no corpo do texto, com original em francês no rodapé, a tradução é minha.

³ original em francês “*C'est là que j'ai tout appris à propos du vol soyeux de la libellule, de l'odeur de la terre après une pluie tropicale et de ces minuscules choses qui ont structuré ma sensibilité*” (Laferrière. 2018, p.114).

abruptamente, assim como seu pai vinte anos antes. Dany Laferrière parte para o exílio aos 23 anos, instalando-se em Montreal, no Canadá.

Nesta nova cidade ele trabalha em diversas fábricas como operário para sobreviver. Enquanto isso, o solitário jornalista exilado, leitor voraz, agora livre, alimenta seu desejo de ser escritor e compra uma velha máquina de escrever Remington 22 - que o acompanha por vários anos e em seus vários futuros romances: “Eu não queria escrever este romance à mão. Eu vivia nessa parte do mundo que fez sua fortuna com a ajuda da máquina. Eu queria ser um escritor contemporâneo, e não um bronco de terceiro mundo ainda na idade da pedra. Era uma velha Remington 22 em bom estado”⁴ (LAFERRIÈRE, 2013, p. 12)

Como fazer amor com um negro sem se cansar, com esse título provocador e estereotipado, Dany Laferrière publica seu primeiro romance em 1985, na província do Quebec. Faz imediato sucesso de público e de crítica. O contexto histórico do Quebec é o pós Revolução Tranquila, conhecido como um movimento de liberação dos costumes, uma modernização do Quebec. O contexto literário, portanto, nos anos 1980, é assim caracterizado pelo surgimento de uma literatura mais conhecida como *migrante*, responsável por uma grande renovação, uma vez que autores vindos de geografias distintas passam a contar suas histórias, em língua francesa, tendo em vista dois horizontes culturais, o do país de origem e o do país de chegada, constituindo uma escritura necessariamente híbrida⁵.

Em 1990, o autor se instala em Miami, com sua mulher e suas três filhas, a fim de se recolher e encontrar o silêncio necessário para desenvolver sua atividade de escritor. Escreve dez romances em dez anos, quais sejam: *L'odeur du café* (1991), *Le Goût des jeunes filles* (1992), *Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?* (1993), *Chronique de la dérive douce* (1994), *Pays sans chapeau* (1996), *La Chair du maître* (1997), *Le Charme des après-midi sans fin* (1997), *J'écris comme je vis* (2000) e *Je suis fatigué* (2000) e *Le Cri des oiseaux fous* (2000).

4 Original em francês: “*Je ne voulais pas écrire ce roman à la main. Je vivais dans cette partie du monde qui a fait sa fortune à l'aide de la machine. Je voulais être un écrivain contemporain, et non un de ces paysans du tiers-monde encore à l'âge de la roue. C'était une vieille Remington 22 en bon état*” (LAFERRIÈRE, 2013, p.12).

5 BERND, Z. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino traço, 2013, p.176

Ao retornar ao Quebec, Laferrière decide não mais escrever novos romances. Escolhe revisitar algumas de suas obras anteriores e inicia um processo de reescritura, adicionando novos capítulos, fazendo surgir uma obra densa, o que fascina não só a crítica como também o meio acadêmico. Ele redesenha sua obra criando laços entre os romances até eclodir uma só obra, composta de dez livros, por ele próprio nomeada *Autobiographie américaine*, em que liga o ciclo norte-americano e o ciclo haitiano.

Dany Laferrière volta a escrever novos romances e passa a fazer sucesso com um novo público: a França. Nesse país, suas obras, inicialmente, são publicadas por uma pequena editora, Le Serpent à plume. A partir de 2005 suas obras são publicadas pela editora Grasset. Já no Quebec, as seis primeiras obras foram publicadas pela editora quebequense VLB Éditeur. As outras seis seguintes foram publicadas pela Lanctôt Éditeur, editora de Jacques Lanctôt, que deixa a VLB Éditeur e cria sua própria editora, levando o agora célebre escritor Laferrière junto. Quando a Lanctôt Éditeur é vendida, suas obras passam a ser publicadas pela Éditions de la Bagnole, Mémoire d'encrier e principalmente pela Boréal, todas quebequenses. Até 2020 foram dezenove obras literárias publicadas, tendo Dany Laferrière atuado em dois filmes, um como roteirista (*Haïti -Québec*, 1985) e outro também como diretor (*Comment conquérir l'Amérique en une nuit*, 2004), além de diversas publicações de crônicas e entrevistas em jornais, televisão e rádio.

Suas obras foram traduzidas em pelo menos quinze línguas, dentre as quais, inglês, alemão, espanhol, esloveno. No Brasil, até 2020, foram traduzidas somente duas de suas obras, *Páís sem chapéu*, em 2011, com tradução de Heloísa Moreira - parte de sua dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo - e *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, em 2012, também com tradução de Heloísa Moreira, mas desta vez em parceria com Constança Vigneron, ambos os livros pela Editora 34.

Em seu site, a Editora 34, apresenta o autor como “um dos principais renovadores da rica literatura haitiana” e “um dos principais escritores contemporâneos de língua francesa”⁶. O romance *Como fazer amor com um negro sem se cansar* é apresentado como um “retrato divertido do cotidiano e das fantasias de dois *outsiders*, mas também inédito acerto de contas com a América, combinando altas doses de humor, erotismo, sarcasmo e poesia para dar voz

⁶ Editora 34, São Paulo, disponível em: <<https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Laferri%E8re,%20Dany>> Acesso em 26 abr 2021.

a esse diálogo intenso, vivo e exuberante que se trava na pele, mas também no imaginário de diferentes culturas”. A propósito do romance *Pais sem chapéu*, obra e autor são apresentados com as seguintes palavras: “à maneira de um pintor primitivo, com traço firme, cores vivas e perspectiva multifacetada, além de extrema inteligência e sensibilidade, ele conta sua perambulação pelas ruas de Porto Príncipe, seu cotidiano singular, pulsante de vida e de morte”.

Com a publicação de *L'Énigme du retour* (2009) recebe o Prix Médicis. Em seguida recebe Grand Prix du livre de Montréal, Prix des libraires du Québec, Combat des livre de Radio-Canada, Prix international de littérature de la Maison des cultures du monde, Grand Prix Luger-Duvernay, Grand Prix des Lycéens du Bénin. Recebe também o título doutor *honoris causa* de diversos institutos e universidades, entre elas École normale supérieure, Middlebury College (EUA) e Paris-Sorbonne, Pierre et Marie Curie, université d'Ottawa e université McGill. Recebe ainda os títulos de Commandeur de la Légion d'honneur, Commandeur des Arts et des Lettres, Commandeur de l'ordre de la Pléiade, Officier de l'ordre national du Québec, Officier de l'ordre du Canada, Compagnon de l'ordre des arts et des Lettres du Québec e Officier de l'ordre de Montréal.

Em 2013, Dany Laferrière é eleito para a Academia Francesa. A Academia Francesa, considerada uma das instituições literárias mais prestigiosas do mundo, foi fundada por Richelieu em 1635. Dany Laferrière tomou posse e foi recebido por Amin Maalouf em 2015. Ocupa agora a cadeira número 2, já ocupada por Montesquieu e Dumas. Na Academia, Laferrière é membro da *Commission du Dictionnaire*, em que estudam questões de terminologia e neologia.

Laferrière é o primeiro haitiano, primeiro quebequense e primeiro canadense a adentrar na *Coupole*. Ainda, é o segundo escritor das Américas, depois do argentino Hector Bianciotti e segundo negro, depois do poeta senegalês Léopold Sédar Senghor. Ao apresenta a biografia de Laferrière, a Academia destaca seu percurso de jornalista, cronista, romancista, ensaísta, diretor de cinema, ou seja, um artista bastante plural e já aclamado pelo público e crítica, como um intelectual consagrado, destacando um a um os prêmios e títulos recebidos. Ao relatar cada ciclo de vida, relaciona os títulos correspondentes de suas obras ficcionais. Destaca, também, sua paixão pela leitura, nomeando de homem-livro⁷.

⁷ Original em francês: “*l'homme-livre*”.

Seguindo as tradições institucionais, o escritor Amin Maalouf, recebe Dany Laferrière na Academia Francesa em 2015, com sua resposta ao discurso proferido. Escolhido talvez não por acaso, Maalouf também é um membro da Academia não nascido na França. Nascido no Líbano, escritor de romances, ensaios e libretos de ópera, entre eles *O Rochedo de Tânios*, vencedor do prêmio Goncourt, migrou para França quando a guerra eclodiu em seu país natal.

Com seu olhar e sensibilidade singulares, Maalouf conta a história do Haiti e da vida de Laferrière, demonstrando ter lido todos seus livros atentamente: “Tantas afinidades! Tantas reminiscências! Tantas paixões recíprocas! Tanta fidelidade!”⁸

Maalouf profere elogios ao colega, destacando seu caráter transgressor, na medida em que através de sua literatura ele desmonta os clichês, ele recusa o papel que lhe é atribuído pelo nascimento, pelas suas supostas crenças: “Você está certo! O mundo seria triste se todos se fechassem em seus papéis, se todos regressassem obedientemente às fileiras de sua própria tribo, adotando suas posturas, conformando-se com suas aparências, apenas indignados com sua indignação”⁹. Finaliza, salientando a importância de terem em mente a importância da necessidade do encontro de sua geração com a história, encontro esse que não se pode faltar.

Segundo Eurídice Figueiredo, professora e pesquisadora de Literaturas Francófonas da Universidade Federal Fluminense, Dany Laferrière usa o humor como arma estética e identitária para marcar a consciência aguda de indivíduos subalternizados por injunções históricas, ao se depararem com a defasagem existente entre o que seu espírito livre deseja e uma auto-imagem deformada e caricatural que o espelho da sociedade lhes mostra (FIGUEIREDO, 2005, p. 253). Ela acrescenta, ainda, que o escritor recusa as etiquetas tanto como escritor migrante ou étnico, no âmbito da literatura do Quebec, quanto de autor antilhano, dizendo não apreciar rótulos de criouliização ou criouliidade, assim como não quer

Les quarante aujourd’hui: 35 membres, **Académie française**, Paris, disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/dany-laferriere?fauteuil=2&election=12-12-2013>. Acesso em 26 abr 2021.

⁸ original em francês “*Tant d’affinités! Tant de réminiscences! Tant de passion réciproque! Tant de fidélité!*”. MAALOUF, Amin. Réponse au discours de réception de Dany Laferrière..**Académie française**, Paris. 2015. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/reponse-au-discours-de-reception-de-dany-laferriere>>. Acesso 26 abr 2021.

⁹ original em francês “*Vous avez bien raison! Le monde serait triste si chacun s’enfermait dans son rôle, si chacun regagnait docilement les rangs de sa propre tribu, adoptant ses postures, se conformant à ses apparences, s’indignant seulement de ses indignations*”.

ser vinculado nem à chamada francofonia (portanto, à França), nem à África, que ele diz não conhecer direito (FIGUEIREDO, 2005, p. 256).

Laferrière se propõe a ser um escritor americano, buscando assim fugir de qualquer classificação que o enclausure em um gueto: “É simples: eu quero a América. Nada menos... Quero tudo: o bom e o mau, o que é para jogar fora e o que é para guardar, o que é feio e o que é bonito. A América é um todo” (LAFERRIÈRE, 1985, p. 29). Ao ser questionado por uma jornalista do *Le Monde* sobre qual a língua que ele escrevia, Dany Laferrière responde em uma crônica: “A língua literária”¹⁰. E emenda que ele escreve na língua do leitor que está o lendo, somente usando as palavras em francês. E para provar que ele pode escrever em francês em todas as línguas do mundo, ele intitulou um de seus romances de *Je suis un écrivain japonais* (2008).

Diante disso, indago-me, em que medida esses elementos apontados por Maalouf e Figueiredo, a saber, a recusa do “lugar comum” e do determinismo do nascimento ao colocar a nu o estereótipo, por meio do humor contundente e reflexivo, podem ser identificados em *Autoportrait de paris avec chat*.

2.2 Do escritor de pijama ao autorretrato de Paris: livros-recreação

Assim como Dany Laferrière segue um percurso biográfico transdisciplinar, perpassando pelo diário (*journal*), romance e o cinema, bem como pelo fato de recusar rótulos limitadores, apontando para uma aspiração poética de identidade mais ampla, que corresponde melhor à sua vida em trânsito – Haiti, Quebec, Miami, Paris – as obras do autor também não são de fácil definição. Este é o caso de uma das obras de maior sucesso de venda e público, *Le Journal d'un écrivain en pyjama* (2013).

Aparentemente, *Le Journal d'un écrivain en pyjama*, não se trata de uma ficção ou narrativa, nem de um romance, sequer um ensaio. Ele escolhe o título de diário (*journal*), inobstante não ser dividido em dias. Reflexões sobre a leitura e a escrita. Trata-se de um livro, em forma de duzentos e dois fragmentos, entre confissões e sugestões sobre o ato de ler e escrever, talvez lembrando crônicas, porém podendo ser lido como um romance - com pequenas pausas na leitura entre os fragmentos -, pois Laferrière repete cenas de seus outros

¹⁰ original em francês “*La langue littéraire*”. LAFERRIÈRE, Dany. C’EST LA QUESTION QUI IMPORTE, *Le Monde*, 2010. Disponível em : <https://www.lemonde.fr/livres/article/2010/03/25/c-est-la-question-qui-importe-par-dany-laferriere_1324224_3260.html>. Acesso 26 abr 2021.

textos, como a história de sua velha máquina de escrever Remington 22 ou o aroma das bananas e mangas muito maduras que ele sente ao abrir a porta de casa.

Atenho-me a três temas brevemente desenvolvidos em *Le Journal d'un écrivain en pyjama*, sob os seguintes títulos: *La bibliothèque de l'écrivain*, *Une exigence quotidienne* e *La mémoire de l'enfance*.

“Um livro é feito de muitos livros”¹¹ anota o autor em *La bibliothèque de l'écrivain*, uma vez que ele defende que os livros que lemos continuam por muito tempo operando em nós e eles nos formam de certa maneira. Acrescenta que não é de se surpreender que se encontre traços dos livros lidos nos seus livros escritos, posto que nenhum escritor é uma ilha, ainda que alguns desses traços passem incógnitos. O autor sublinha que ao ler atentamente um escritor, pode-se retrair suas escolhas literárias, fato que alegra o leitor, de ver evocar os livros que se gosta por um escritor que se admira (LAFERRIERE, 2013, p.145).

No fragmento *Une exigence quotidienne*, o autor sugere que o jovem escritor deveria ler todos os livros de um escritor que admira, para perceber que nem todas suas obras são obras capitais, pois há o chamado “livro-ponte”¹², aquele escrito após outro livro escrito sobre um longo período de vida, como a infância, que está num espaço entre dois momentos, entre dois tempos do escritor. Afirma que há também o “livro-recreação”¹³, o livro em que o escritor quer reencontrar o prazer de escrever como se fosse uma criança que passa o tempo pintando em seu caderno no seu canto (Ibid, p. 147), em que não quer nada provar e nada convencer, e que apraz o leitor muito mais que seus outros romances mais importantes. Entretanto, ele destaca que é um livro que não pode existir sozinho, mas que precisa dos outros para ser compreendido (Ibid, p. 147).

O escritor, ainda, coloca em evidência a relação da memória e da escrita em *La mémoire de l'enfance*, ao afirmar que a memória é como um banco onde se faz constantemente saques e depósitos, funcionando também como um instrumento de trabalho tal qual um lápis, uma máquina de escrever ou um computador. Menciona que às vezes, mesmo sem saber, algumas ondas de lembranças aparecem sem nenhum esforço, enquanto que às vezes ela está escondida na sombra, tal qual um felino pronto a saltar sobre a página

11 original em francês “*Un livre est fait de beaucoup de livres*”. (LAFERRIERE, 2013, p. 145)

12 original em francês “*livre-pont*” (LAFERRIERE, 2013, p. 146).

13 original em francês “*livre-récréation*” (Ibid, p. 146).

branca, em que é necessário procurar o fio e depois puxá-lo. Porém, destaca que a infância é lembrada não para ser analisada, mas para ser revivida, para se reencontrar o frescor dos primeiros gestos (Ibid, p. 158, 159). Em que medida *Autoportrait de Paris avec chat* seria um livro-recreação?

2.3 *Autoportrait de Paris avec Chat* pelas editoras e pelo autor

Autoportrait de Paris avec Chat foi publicado no Quebec pela editora Boréal e na França pela Grasset, concomitantemente.

Editora Boréal revela a expectativa da chegada do primeiro livro de Laferrière como *académicien*¹⁴. Apresenta o livro como uma obra com texto e desenho, mas que não é uma história em quadrinhos, sequer um romance gráfico, mas sim um romance-romance, escrito e desenhado inteiramente à mão¹⁵. Detalha a obra como uma Paris que se retrata com as palavras e imagens de Dany Laferrière, uma vez que Paris é um lugar na literatura, é um espaço de ficção. Um lugar em que os escritores convergem nas suas ruas e seus cafés, mesmo os escritores do passado. Em Saint-Germain-des-Prés o leitor encontra alguns dos romancistas da América Latina fugidos da ditadura. Testemunha-se Aimé Césaire, Damas et Senghor debatendo sobre a negritude. Laferrière também deixa Paris por um curto período antes de adentrar na Coupole e revisita Montreal e o Haiti. Há também um gato nesta história e a editora instiga a curiosidade do leitor: “Quanto ao gato, o que ele faz ali? Você lhe perguntará. Você verá, ele não tem papas na língua”¹⁶.

A editora Boréal reproduz, ainda, treze críticas publicadas pela imprensa canadense, permeadas pelos termos lúdico e erudito, criativo e artístico, audacioso, desestabilizante, de uma grande liberdade. A obra agradou a imprensa, em especial por provocar a observação, decifração, busca da origem do traço, virando-o muitas vezes de cabeça para baixo, ou seja, mais uma obra de Laferrière que desconcerta o meio literário. Chantal Guy, de La Presse, destaca que é um livro que nos obriga a dar as costas a um mundo digital que nos vampiriza.

14 Nome dos membros da Academia Francesa, a partir de 12 fev 1635. Anteriormente era “*académiste*”.

15 LIVRES ILLUSTRÉS AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT, **Les Éditions du Boréal**. Montreal. Disponível em <<https://www.editionsboreal.qc.ca/catalogue/livres/autoportrait-paris-avec-chat-2598.html>>. Acesso em 26 abr 2021.

16 Original francês “*Quant au chat, qu’est-ce qu’il vient faire là-dedans? Vous lui demanderez vous-même. Vous verrez, il n’a pas la langue dans sa poche.*”

Por sua vez, a editora Grasset, afirma ser o romance mais singular de Dany Lafferrière, que guiados pela sua mão, suas letras e suas cores, penetramos numa Paris à sua imagem, uma Paris que de certa maneira é ele mesmo. Que o narrador vai descobrindo a cidade e os leitores o acompanham ao encontro daqueles que fizeram sua glória, inclusive dos estrangeiros dos quais ela também se alimenta. E não deixa de chamar a atenção para um gato: “Quem é esta misteriosa gata de casaco rosa que chega na casa do narrador à meia-noite?”¹⁷

Dany Laferrrière, em entrevista para a televisão francesa, quando do lançamento *Autoportrait de Paris avec Chat* afirma que escrever este livro foi como tirar umas férias¹⁸, pois fez algo que não sabia fazer, fez algo novo. Não sabia desenhar, nem escrever à mão e, com isso, reencontrou sua infância. Criou um gato que não bebe leite, mas vinho tinto, um gato filósofo, misterioso. Ao ser questionado sobre o gênero da obra, ele responde: é um livro. Não é um romance, nem um ensaio, portanto, ele gostaria que fosse entendido como uma forma estética, ligado ao seu interior. Em outro vídeo, agora para uma livraria, também no ano de lançamento do mesmo livro, Laferrrière afirma que escreve para sair da rotina, para correr risco na vida ao questionar seu *savoir-faire*¹⁹. Ele acredita que a literatura é um poema, ou seja, que ela chega pela surpresa e esta surpresa chegou para ele desta forma: escrita à mão e com um gato.

17 Original em francês: “*Qui est cette mystérieuse chatte en manteau rose qui arrive chez le narrateur à minuit?*” ROMAN FRANCOPHONES AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT. Editions Grasset Paris. Disponível em: <<https://www.grasset.fr/livres/autoportrait-de-paris-avec-chat-9782246815839>>. Acesso em 26 abr 2021.

18 LE ROMAN DESSINÉ DE DANY LAFERRIÈRE. La Grande Librairie. France Télévisions. 23 mar 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6XnGcutBeEI>> tempo de duração 12:53. Acesso em 26 abr 2021.

19 DANY LAFERRIÈRE VOUS PRÉSENTE SON OUVRAGE “AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT, AUX ÉDITION GRASSET. Librairie Mollat. 27 jul 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=br-004DcmKs>> tempo de duração 2:28. Acesso em 26 abr 2021.

3 AUTORRETRATO DE PARIS COM UM GATO

*Cet air renfrogné, ces sourcils froncés,
ces petits yeux de félin:
c'est un écrivain sur la piste d'une émotion.*
(Dany Laferrière - Journal d'un écrivain en pijama)

3.1 “Desenhar é uma outra forma de escrever”.

Depois de seu itinerário de haitiano exilado, passando pelo Quebec, Miami, agora Dany Laferrière se instala em Paris para escrever um novo livro. Um livro desenhado por um escritor que não sabe desenhar. Tentar fazer o que não se sabe fazer, em Paris, na cidade mais escrita do mundo. Dany Laferrière conhece a Paris representada por Hemingway, Baudelaire, Balzac e tantos outros, mas agora cria a sua.

Mais do que um livro sobre os lugares da capital, é um livro sobre os artistas que por lá passaram, escritores de todas as partes do mundo e de todas as épocas. Além do escritor-narrador, um outro personagem é um gato, que com ele dialoga. O escritor-narrador conta ao gato, por exemplo, que ele viu o escritor André Malraux em Porto Príncipe em 1975 (LAFERRIÈRE, 2018, p. 103-108). O livro pode ser considerado como um diário, em que o Laferrière-Vieux-narrador recompõe, de maneira fragmentária, fatos vividos, por exemplo, seu périplo para encontrar os livros de seu antecessor na Academia Francesa, Hector Bianciotti (Idib. p. 83).

O livro é finalizado com a narrativa de um diálogo no metrô, com um provável leitor: “Você vai nos escrever um grande livro de *académicien*, eu espero”²⁰ (Ibid., 2018, p. 314). Este diálogo que encerra o livro, indica uma expectativa em torno de um escritor que acaba de obter uma consagração. No entanto, *Autoportrait de Paris avec chat* é um livro que não corresponde ao formato habitual, canônico. Em que sentido o livro recusa a corresponder a essa expectativa?

A análise de elementos paratextuais já traz elementos bastante instigantes. A primeira (Fig. 1) e quarta (Fig. 2) capas têm fundo branco, escritas em vermelho ou preto, com

²⁰ Original em francês: “Tu vas nous faire un grand livre d'académicien, j'espère” (LAFERRIÈRE, 2018, p. 314).

desenhos elaborados em preto e coloridos com cores fortes. Os desenhos são simples, quase infantis, em cores primárias ou secundárias.



Figura 1 - primeira capa

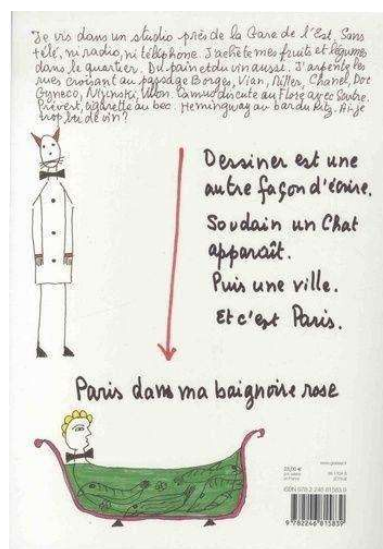


Figura 2 - quarta capa

Na primeira capa, abaixo do nome do autor e do título escritos em vermelho, um homem e um gato, os dois de gravatas borboleta, sentados diante de uma mesa tomando vinho. São os dois personagens, Vieux (apelido de infância do escritor) e o Gato (que não bebe leite, mas vinho tinto), que dialogam durante toda a história

Nota-se que o homem da capa tem os cabelos pintados de amarelo, é um homem loiro. Por que o iminente *académicien*, apenas o segundo negro a adentrar na Academia, se representa como um homem branco e loiro? Essa imagem do narrador-escritor não corresponde à imagem que se espera em um texto autobiográfico, não obstante a chave de leitura para uma obra autobiográfica ter sido dada já no paratexto, abaixo da ficha catalográfica, num diálogo entre o gato e o escritor, que é chamado pelo mesmo apelido de infância, Vieux, em que é questionado se o livro é de sua autoria e ele responde afirmativamente (LAFERRIÈRE, 2018, p. 6). Não bastasse isso, todo o percurso do escritor Dany Laferrière e do personagem-narrador-escritor Vieux se entrecruzam, como o nascimento físico no Haiti, o nascimento como escritor no Quebec, os livros preferidos, os autores preferidos, até a eleição do escritor à Academia Francesa. Isto é, as relações entre

ficção e autobiografia são problematizadas pois um jogo de ambiguidades é criado. Sabemos que, no campo literário, o gênero autobiográfico está relacionado à criatividade e à ficcionalização, podendo ser tomado como sinônimo de “memórias” (TRINDADE, in BERND, 2014, p. 21).

Se o narrador-escritor e Laferrière partilham as mesmas experiências e o mesmo percurso, seja geográfico, seja literário, a imagem de um homem branco e loiro cria um deslocamento dessa associação, provocando o leitor a se interrogar. O texto escrito em confronto com o desenho, que representa o escritor, desestabiliza uma realidade única e cria no leitor um estranhamento.

Na quarta capa (Fig. 2) uma frase em destaque: “Desenhar é uma outra forma de escrever”²¹. O desenho é outra forma de representar, não através das palavras, mas pelos próprios traços e pelas cores. Neste caso específico, o texto escrito indicando uma biografia de Dany Laferrière e a imagem do narrador escritor não se complementam, pelo contrário, elas se contrapõem o que pode emergir questionamentos sobre o estatuto da verdade na representação e também a representação de forma crítica, ou seja, para questionar a própria representação.

O texto escrito e os desenhos estão na sua maioria na horizontal, mas há também na vertical, diagonal e até de cabeça para baixo, o que exige do leitor um manejo inabitual do livro. Não há delimitação das margens na página.

O próprio escritor, no romance, em uma entrevista ficcional para a TV5 Monde, afirma que escreve como um pintor primitivo (Ibid. p. 171). Define o pintor primitivo como aquele que quer eliminar as distâncias daquele que olha seu quadro, ao penetrar o outro com suas ruas animadas, seus risos explosivos, seus mercados populosos, que é entrelaçado por aromas, cores e sabores. Em seguida, o escritor narra a história do pintor primitivo Jasmin Joseph, que na inauguração do primeiro museu de arte do Haiti, em 1944, vendeu o primeiro quadro, que era um autorretrato (Ibid. p.171, 172).

Um livro em grande formato, 22 cm por 32 cm, com 320 páginas, inteiramente escrito e desenhado à mão, inclusive a ficha catalográfica e o ISBN. Composto por 1.200 desenhos, o livro é estruturado em cinco capítulos e um sumário ao final. Há páginas somente escritas,

21 Original em francês: “*Dessiner est une autre façon d’écrire*”. (LAFERRIÈRE, 2018, quarta capa)

como por exemplo a última página do livro (Ibid. p.314), páginas com texto escrito e desenho, a sua grande maioria, e quanto às páginas somente com desenhos há somente duas (Ibid. p. 37 e 133). Não há uma página com estrutura igual a outra.

O desenho é uma representação. A imagem pode fazer a crítica da imagem. Junto ao desenho, Laferrière junta a palavra, pois tem a necessidade de dizer. Esse encontro gera um efeito polifônico, pois há mais vozes que um texto não visual. Várias vozes se impõem na página, criando um texto híbrido. Qual o efeito provocado por esta duplicação da enunciação? Talvez o de reforçar a própria enunciação. Quem sabe para mostrar a potência de sua voz. E também para promover um diálogo ou o divórcio entre a palavra e o desenho. A obra segue o seguinte itinerário: *La vie de quartier*, *Les paysages*, *Les visages*, *Le discours* e, por último, *Comment faire ce qu'on ne sait pas faire*. Antes do primeiro capítulo, há uma introdução, em que o escritor aparece com uma mala chegando de Montreal. Ele está só e faz uma narrativa na primeira pessoa, um monólogo interior. Instalado num pequeno apartamento, ele faz um elogio ao alfabeto, essas letras que sustentam o edifício da linguagem (Ibid. p. 20).

Já no primeiro capítulo, o narrador-escritor mescla narrativas e diálogos, conta ter encontrado um gato preto diante de sua porta. Ele o deixa entrar, tomam café da manhã juntos e o gato se torna sua companhia, dentro de casa, onde lê e escreve, e nos passeios pelos arredores da cidade. No capítulo *Les paysages*, o narrador-escritor mergulha no ambiente intelectual da Cidade-Luz, passa por Saint-Germain de Prés, Montmartre, livrarias, bibliotecas e outros lugares onde o escritor os relaciona com artistas, suas obras ou suas personagens. A terceira parte, *Les visages*, não se distingue da anterior. Artistas são revisitados. O escritor concede diversas entrevistas, em que os diálogos são expostos e o leitor, na posição de espectador. Em *Le discours*, como o próprio nome indica, não se perde de vista o motivo da presença do escritor em Paris: escrever o discurso de recepção à Academia Francesa. Depois de um ano ter lido todas as suas obras, o escritor começa a escrever o elogio a Hector Bianciotti, autor de *L'amour n'est pas aimé* (1982).

Inúmeras são as tradições reservadas aos “imortais” da Academia Francesa, das vestimentas à espada, do discurso do mais novo *académicien*, que deve um elogio ao seu antecessor na cadeira, à resposta ao seu discurso pelo imortal que o recebe. Em seu discurso na Academia, Laferrière narra um encontro ficcional com seu antecessor argentino, com o intuito de entender o acaso que os une na Academia Francesa. Com a ajuda

de Legba, deus do panteão vodu e deus dos escritores, eles dialogam sobre morte, infância, liberdade, revisitando diversos escritores - entre eles Jorge Luis Borges - e fragmentos da obra de seu antecessor são recuperados. Sentencia que é inegável que a partilha da cadeira número dois por ambos, trata-se de um destino americano. Não deixa de citar a infância aterrorizante descrita na obra de Bianciotti, que faz com que provoque nele uma rememoração à sua infância. Muitas semelhanças são notadas entre o texto do discurso da Academia Francesa e o texto do livro *Autoportrait de Paris avec chat*, principalmente no que se refere a sua filiação literária. Cita escritores das Américas, além de Borges (1899-1986), o poeta haitiano Edmond Laforest (1876-1915), Walt Whitman (1819-1892), García Márquez (1927-2014). Destaca também o trio que ele considera ter inscrito a dignidade negra em Paris, o poeta martiniquês Aimé Césaire (1913-2008), o guianês Léon-Gontran Damas (1912-1978) e o senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001), este último também membro da Academia e protetor dos escritores da *Coupole*, nascidos fora da França. Além das semelhanças entre os dois textos, discurso e livro, há também momentos em que a mesma narrativa se repete *ipsis litteris*, como por exemplo, sua escolha em estar no Haiti para esperar o resultado de sua eleição para a Academia, emendando fatos históricos de seu país de origem e a relação com a língua francesa. A intertextualidade se mostra explícita neste caso.

O quinto e último capítulo do *corpus*, intitulado *Comment faire ce qu'on ne sait pas faire*, é a menor de todas e a única que é dividida em tomos, num total de sete. Ele reflete sobre desenhar e escrever à mão, sobre a empolgação que é estar numa cidade nova e sobre o gato que ele fez aparecer em seu livro. A última página é inteiramente escrita à mão, sem desenhos.

3.2 Espaço-literatura-memória: Paris e seus artistas

Um homem fragmentado em pelo menos três pedaços, o coração em Porto Príncipe, a mente em Montreal e o corpo em Miami (LAFERRIÈRE, 2018, p. 309). Agora acrescenta-se Paris, lugar da nova deambulação poética, que contribui para evocar as referências canônicas da literatura, que certamente ainda vivem. Mas não somente, Paris é, sobretudo, cidade de exílio. “Nada é mais excitante que uma nova cidade – um romance infinito. Uma cidade não é uma acumulação de ruas, de restaurantes e de museus, então quando tivermos aprendido tudo, devemos desaprender se queremos penetrar na sua parte secreta” (LAFERRIÈRE, 2018, p. 309). Talvez cidade-musa, lugar em que se escreve e que constitui a escrita.

Dany Laferrière retrança seu périplo parisiense no momento presente. Uma vez instalado em um pequeno apartamento no décimo *arrondissement*, região habitada por várias comunidades de origem estrangeira e também conhecida por sua vida boêmia, regressa diversas vezes ao Haiti, Montreal e à infância – recuperando a memória, desta vez, neste novo território. Retorna ao século XIV, quando cita o poema “Le temps a laissé son manteau”, de Charles d’Orléans (LAFERRIÈRE, 2018, p. 264). Anacronias evidentes são apresentadas, como Borges (1899-1986) e Montaigne (1533-1592) conversando em uma biblioteca! (LAFERRIÈRE, 2018, p. 160)

A maioria dos desenhos, além do próprio escritor e de um gato, são de personagens ou personalidades artísticas, como os escritores Ernest Hemingway (1899-1961) nas páginas 97-102, Marcel Proust (1871-1922) nas páginas 225, 230, 231, Honoré de Balzac (1799-1850) nas páginas 39-41, André Breton (1896-1966) nas páginas 134-140, Frantz Fanon (1925-1961) nas páginas 185-188. Ele cita artistas visuais como Jean-Michel Basquiat (1960-1988) nas páginas 47-50, Andy Warhol (1928-1987) nas páginas 210, 211. Refere-se a músicos, especialmente do jazz Duke Ellington (1899-1974) como na página 192 e Django Reinhardt (1910-1953) nas páginas 239, 240. Embora em menor quantidade, as artistas mulheres não deixam de ser mencionadas, entre elas Françoise Sagan (1935-2004) nas páginas 130, 174, a pintora e escritora ítalo-argentina Leonor Fini (1907-1996) como na página 82, Paulette Nardal (1896-1985) na página 150, Coco Chanel (1883-1971) nas páginas 200, 201- 204. Algumas anedotas, algumas narrativas são contadas, como a ida de Breton ao Haiti, a ascendência haitiana de Basquiat. Cenas são construídas como Hemingway na Livraria Shakespeare and Co. e no café Les Deux Magots. Alguns poemas ou frases desses artistas são evocados. Não são desenhados apenas personalidades, mas desenha também flores, frutas e libélulas. As libélulas remetem a infância, em Petit-Goâve (Ibid. p.113). As frutas, que aparecem com mais frequência, em cores muito fortes, podendo remeter ao aroma e sabor, geralmente o acompanham enquanto está lendo ou escrevendo (Ibid. p.32) - o próprio escritor afirma que poderia viver unicamente de frutas e legumes (Ibid.p. 72). As frutas são frequentemente evocadas em outros romances do autor, como no *Journal d’un écrivain en pyjama* (LAFERRIÈRE, 2013, p.12). O escritor relembra que quando chegou à Montreal, comprava frutas do norte (maçãs e uvas) para sentir o perfume do exotismo (p.70). As flores, quando se apresentam, fazem referência à primavera (LAFERRIÈRE, 2018, p.10), à mulheres

(Ibid. p. 15, 45) e às flores que resistiram ao terremoto em Porto Príncipe, que o escritor testemunhou.

3.3 Vestígios e percursos memoriais

Além de ser um livro inteiramente escrito à mão e com desenhos, o elemento que se sobressai em *Autoportrait de Paris avec Chat* é o resgate da memória. Diante disso, busca-se entender a forma como se estrutura o pensamento literário, uma vez que em todo o livro o personagem-narrador, não obstante contar a história no tempo presente, utiliza uma estratégia de retorno ao passado. A história é tecida a partir de elementos do passado, artifício que parece dar ritmo à narrativa e legitimidade à história. No entanto, este passado não é trazido com muitos detalhes, mas através de alguns traços, evocados por sensações do presente.

“Sem telefone, sem rádio, sem TV, sem jornal. Isso me lembra do meu começo em Montreal, quando eu estava escrevendo meu primeiro romance. Estou simplesmente em Paris. Ao contrário de todos aqueles que acreditam que é preciso estar na agitação da cidade para aqui estar, só preciso abrir a janela para ouvir o canto da cidade.”²² (LAFERRIÈRE, 2018, p. 9).

Este é o *incipit*, em que o escritor, agora já consagrado, inicia o novo livro com uma reflexão sobre seu próprio processo de escrita. A partir da rememoração do início de sua carreira, ele não perde de vista este movimento de eterno recomeço. Para isso, ele utiliza uma frase no tempo presente, tendo como primeiro verbo *recordar-se*, e em seguida, ele utiliza o verbo *escrever*, no imperfeito. Ele recorta um momento de sua vida, dando intensidade à narrativa e estilo de escrita. Ele está a ouvir o canto da cidade. Em seguida, abaixo, há um desenho do personagem protagonista, dentro de um quadrado de fundo amarelo e moldura azul, com um espiral sobre ele (Fig. 3).

22 Original em francês: *Pas de téléphone, pas de radio, pas de télé, pas de journal. Ça me rappelle mes débuts à Montréal, du temps que j'écrivais mon premier roman. Je suis simplement à Paris. Contrairement à tous ceux qui croient qu'il faut être dans l'agitation de la ville pour y être, je n'ai qu'à ouvrir la fenêtre pour entendre le chant de la ville.* (LAFERRIÈRE, 2018, p.9)

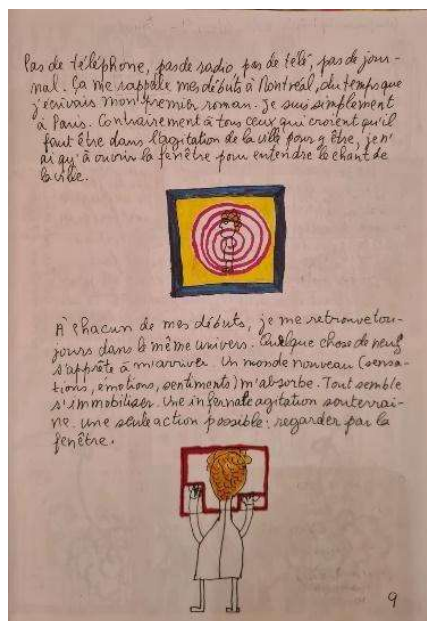


Figura 3 - Incipit

O protagonista, agora em Paris e célebre escritor, se coloca não na agitação da cidade, mas dentro do apartamento, o que pode evocar sobretudo um deslocamento interior. O desenho e o *incipit* funcionam como metatexto, o texto escrito refere-se ao texto desenhado e o desenho refere-se ao texto escrito. A necessidade da convocação das palavras, neste caso, é imprescindível, elas precisam dizer algo, explicar a imagem.

Continua o protagonista, num monólogo interior:

“Cada vez que começo, sempre me encontro no mesmo universo. Algo novo está para acontecer comigo. Um novo mundo (sensações, emoções, sentimentos) me absorve. Tudo parece se imobilizar. Uma comoção subterrânea infernal. Apenas uma ação possível: olhar pela janela.”²³ (LAFERRIÈRE, 2018, p. 9).

Em seguida, outro desenho do mesmo homem olhando por uma janela vermelha, de costas para o leitor, sem qualquer paisagem ou objeto (Fig. 3). O leitor vê, exclusivamente, o personagem protagonista a olhar pela janela. A cada recomeço o processo se repete: novas sensações, novas emoções e novos sentimentos. E essas sensações é que fazem com que o narrador seja surpreendido novamente por uma lembrança, os começos de outras escritas anteriores são trazidos à memória e colocados ao lado deste recomeço. Conforme ensina Zilá

²³ Original em francês: *À chacun de mes débuts, je me retrouve toujours dans le même univers. Quelque chose de neuf s'apprête à m'arriver. Un monde nouveau (sensations, émotions, sentiments) m'absorbe. Tout semble s'immobiliser. Une infernale agitation souterraine. Une seule action possible: regarder par la fenêtre.* (LAFERRIÈRE, 2018, p. 9)

Bernd, nas literaturas das Américas, os resíduos se tornam os fios com os quais os autores tecem a trama das reminiscências de seus personagens, muitos desses resíduos permanecendo como memória involuntária. (BERND, 2013, p.153). Considerando isso, pode-se ler o personagem-protagonista como sujeito de sua própria história, através de lembranças. A lembrança do início de sua vida de escritor em Montreal, portanto, não funciona para lembrar um passado melancólico e saudosista, mas é ressignificada no tempo presente, no tempo da narrativa em Paris e o personagem passa a ser sujeito da enunciação. Colocar-se como sujeito da enunciação, neste caso, implicar em não mais ser posicionado como objeto, como já o fora, no período da escravidão e ditadura. A lembrança, neste caso, permite ao escritor da migração dar um novo sentido a seu presente, iluminando-o com uma nova luz (BERND, 2013, p.153). Assim, ao assumir a voz do discurso, o escritor se coloca como sujeito na economia do discurso e não como dominado ou vítima.

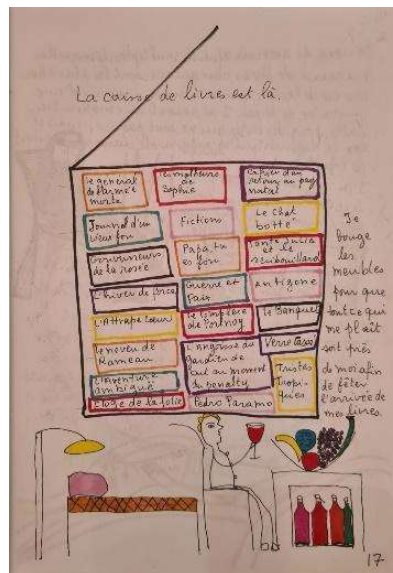


Figura 4 - A caixa de livros

Nota-se um pouco adiante, na página 17 (Fig. 4), que há o desenho de uma caixa com vinte e dois livros. Os livros têm os títulos escritos na frente. Abaixo da caixa, o desenho do escritor sentado tomando uma taça de vinho, diante de frutas de cores vibrantes, festejando a chegada de seus livros mais apreciados. Desses, oito são de escritores das Américas, os demais dos outros continentes. Entre os escritores americanos está o seu poeta preferido Aimé Césaire (1913-2008), da Martinica, seu escritor preferido, o argentino Borges (1899-1986), seu livro preferido Pedro Páramo, do mexicano Juan Rulfo (1917-1986), o melhor escritor

que sabe usar o humor Philip Roth (1933-2018), o romancista quebequense Réjean Ducharme (1941-2017), além de Vargas Llosa (1936 -), William Sorayan (1908-1981) e do escritor e político haitiano Jacques Roumain (1907-1944). Por que são colocados esses livros específicos em evidência? Para mostrar sua filiação literária ampla e diversa? Para apresentar a literatura que pôde ter contribuído para a construção de sua subjetividade? Para evidenciar uma preferência pelos livros das Américas? Senão uma recusa ao cânone europeu, os livros elencados fariam um contraponto, visto que muitos deles são pouco conhecidos?

Ainda que o protagonista lamente a falta de todos os demais livros que não pôde transportar, a presença física, concreta, dos livros fazem o escritor lembrar de diversos momentos de leitura e de seus efeitos sobre ele: “Essa alegria de atravessar a janela para me encontrar em um novo mundo. Ficamos imóveis, concentrados e assim atravessamos os séculos, como fronteiras”²⁴. Das sensações causadas pelos recomeços da escrita o protagonista apresenta as sensações causadas pela leitura, essa possibilidade de deslocamento no tempo e no espaço, uma deambulação interna, ainda que imóvel fisicamente. Nota-se que o protagonista aqui apresenta a leitura como a possibilidade de atravessamento de fronteiras. Por sua vez, no livro *Journal d'un écrivain en pyjama* (2013), Dany Laferrière, ao falar da felicidade em ver seus livros publicados, declara que escreve para atravessar clandestinamente as fronteiras. Mas, como o escritor atravessaria as fronteiras?

Após o escritor flunar por Paris - na perspectiva baudelairiana -, brincar com a intertextualidade, fazer um inventário de sua biblioteca, escrever o discurso de recepção à Academia Francesa, ele finaliza seu livro intitulado o quinto e último capítulo de *Comment faire ce qu'on ne sait pas faire*. Nesse último capítulo, o escritor se questiona sobre como escrever à mão e desenhar, uma vez que ele não sabe fazer isso. Ele próprio não sabe responder, mas percebe que sente uma liberdade como nunca havia sentido em sua vida de escritor (LAFERRIÈRE, 2018, p.307). Uma lembrança da infância vem à mente. Recorda-se que ao desenhar uma maçã em sala de aula, ficou em terceiro lugar na classe, embora tenha ficado insatisfeito com seu próprio desenho. Ao tentar ainda compreender esse fato, recorda-se que os demais alunos não haviam terminado de desenhar suas maçãs, enquanto ele estava

24 original em francês: “Cette joie d’enjamber la fenêtre pour me retrouver dans un nouveau monde. On reste immobile, tout concentré et ainsi on traverse les siècles, comme les frontières” (LAFERRIÈRE, 2018. p.18).

muito concentrado para ter a alegria de ver aparecer a maçã. O caráter resiliente do menino eclode.

Rapidamente, o escritor deixa a infância e relata fatos mais recentes, ainda que no passado, dos desenhos feitos por ele nas dedicatórias nas livrarias. Os desenhos são de uma flor, uma casa e uma xícara de café. Nota-se que além do desenho há legenda correspondente abaixo.

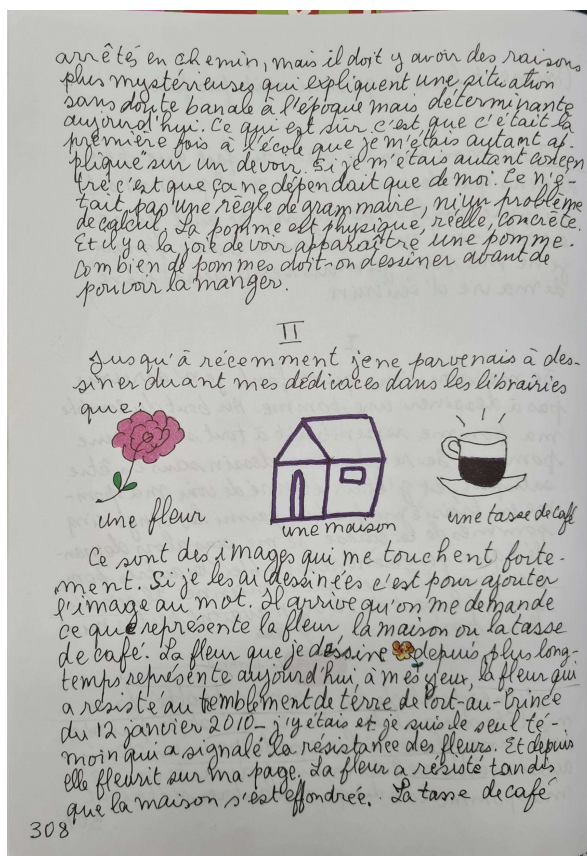


Figura 5 – A flor

Ele afirma que são imagens que o tocam fortemente e que se ele as desenha é para juntar a imagem à palavra. Em seguida, afirma que a flor que ele desenha há muito tempo, representa hoje a flor que resistiu ao terremoto de Porto Príncipe em 12 de janeiro de 2010, em que ele estava presente e foi a única testemunha que assinalou a resistência das flores (LAFERRIÈRE, 2018, p.308). Essa imagem da flor pode ser interpretada como aquilo que resiste após a ruína, como a representação da esperança, fé, crença e da resiliência. No entanto, o escritor, mais uma vez, recusa qualquer tipo de nostalgia para adentrar ao instante

presente. Uma cena é colocada (Fig.6): o escritor aparece em uma tela sendo entrevistado. Enquanto isso dois homens, sem identificação, sentados em um bar, dialogam (Ibid., p.310):

- Quem é?
- É aquele escritor que vai entrar na Academia.
- De onde ele vem?
- De longe.

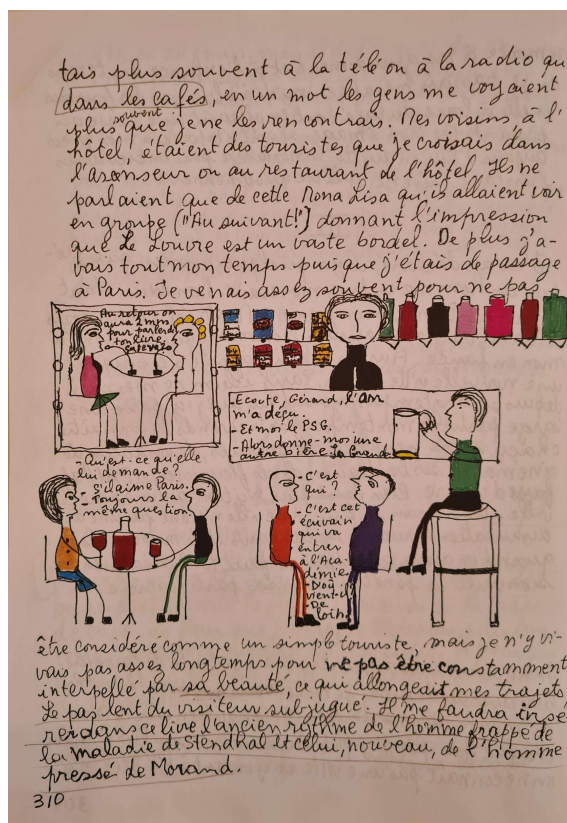


Figura 6 – O diálogo sobre o acadêmico

Não obstante a língua francesa ser falada em vários países, Dany Laferrière é somente o segundo americano a fazer parte da Academia francesa. A questão eurocêntrica, aqui parece ser colocada em questão, ao se colocar o escritor americano como alguém “de longe”, como o exótico, tendo como ponto de referência a Europa, um lugar único e fixo. Dany Laferrière compõe um ambiente irônico, que pode ser lido como uma crítica às estruturas de poder, que por tanto tempo torna invisível aqueles que não pertencem ao grupo hegemônico. Ao repetir o clichê, de ser “de longe”, ele justamente choca e questiona o leitor. Talvez uma tentativa em derrubar o clichê ao apontar o próprio clichê. Como pontua a professora Eurídice Figueiredo sobre Laferrière, é através do humor que ele ataca os valores estabelecidos (2005). Dany Laferrière, define-se com uma identidade mais ampla, mais abrangente, no entre-lugar, em

constante deslocamento, não somente geográfico, mas também intelectualmente. Zilá Bernd reflete a ideia de nomadismo intelectual em diálogo com a pesquisadora Rachel Bouvet, da Université Du Québec à Montréal (UQUAM), que desenvolve a noção de intelectual nômade, de que Laferrière parece ser um exemplo. O intelectual nômade é aquele cujo percurso implica descoberta e repetição, ou seja, a descoberta de autores de todas as épocas, de textos de tradições diferentes, de regiões, de paisagens, de comunidades, de culturas outras, que serão seguidamente revisitadas. (BERND, 2013, p. 148). Portanto, na medida em que Laferrière se desloca de Montreal a Paris, retornando ao Haiti, ocorre, além de um deslocamento geográfico, um deslocamento intelectual. Ao mesmo tempo em que se desloca, o escritor nunca deixa as cidades onde viveu, resgatando-as pela memória e fixando-as no texto, no entanto, está sempre aberto ao outro, ao outro lugar, à diversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi resultado de muita pesquisa e leitura. Após ler quatro livros de Dany Laferrière, fiz uma pesquisa intensa sobre a publicação de suas obras, seus prêmios e de estudos acadêmicos acerca da escrita do autor. O trabalho me permitiu o contato com a seleção de fontes bibliográficas e a familiarização com a pesquisa.

Inicialmente, trabalhei a biografia do autor e o contexto em que ele está inserido, desde seu nascimento físico no Haiti, exílio durante a ditadura, nascimento como escritor no Quebec, deslocamento para Miami até adentrar na Academia Francesa. Compreender esse percurso permite pensar o movimento da escrita do autor em suas obras, especialmente em *Autoportrait de Paris avec Chat*. Pensar a escrita de Laferrière é estar entre o vivido e o ficcionalizado, é estar neste limiar, neste entre-lugar.

O estudo da recepção das obras do autor no mercado editorial, permitiu demonstrar que Dany Laferrière fez sucesso imediato no Quebec, com sua primeira obra, *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (1985). Já na França, o reconhecimento ocorre somente após a reescritura de sua obra *Autobiographie américaine*, após mais de quinze anos de sucesso inaugural, no Quebec. No Brasil, apenas duas obras foram traduzidas até o momento, *Pais sem chapéu*, em 2011 e *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, em 2012, pela prestigiosa Editora 34. A produção acadêmica no Brasil, ainda que pouco numerosa, porém elaborada com bastante rigor, demonstra que a obra de Dany Laferrière é uma vasta e rica bibliografia para os estudos literários das Américas. A análise crítica da academia no Brasil, bem como sua recepção na Academia Francesa, contribui para a reflexão sobre o caráter transgressor do primeiro haitiano e quebequense a adentrar na *Coupole*, na medida em que recusa todos os tipos de rótulos, seja de escritor étnico, antilhano, da criouldade ou qualquer outro que o enclausure.

Pensar a escrita do autor é também ter contato com suas leituras, que perpassa por vários séculos e continentes, que dialoga justamente com a diversidade cultural, o que caracteriza a escrita de Laferrière, como contemporânea, justamente por sua abertura para o mundo, o mundo como um espaço de construção da literatura.

Com isso, na tentativa de fazer uma leitura crítica da obra *Autoportrait de Paris avec Chat*, leitura essa que se inscreve na estética do vestígio memorial, proposta pela

pesquisadora Zilá Bernd, utilizei alguns fragmentos selecionados que colaboraram para pensar a relação entre memória e literatura a partir de reflexões sobre o próprio ato de escrever. Essa leitura contribuiu para se perceber que a história é tecida a partir de elementos do passado, de alguns traços resgatados da memória, que foram evocados a partir de sensações do presente. Traços, vestígios, restos, pistas, flagrados no texto ficcional. Porém, a lembrança do passado não funciona de maneira melancólica, mas para ressignificar o tempo presente.

Por fim, na tentativa de elucidar o título da obra *Autoportrait de Paris avec Chat*, pode-se pensar que Paris é um lugar na literatura, é o espaço da ficção por excelência. Paris à imagem de Dany Laferrière é de certa forma ele mesmo. E o Gato, talvez seu *alter ego*, diante de sua força que se impõe ao título, não obstante o escritor estar sozinho em Paris e nunca ter tido um gato.

A obra, que recusa ser enquadrada em um gênero literário fixo e canônico, é um exercício de memória e também de liberdade. Laferrière escolhe uma forma que rompe com as expectativas do sistema literário quanto a uma primeira publicação após a entronização na Academia Francesa. Ele opta por construir um livro-recreação, em que o exercício de liberdade e o prazer da escrita e do desenho remetem à infância, como período de descoberta e de experimentação. Ousadamente, ele propõe fazer “o que não sabe”, como sublinha no título da última parte da obra: “Comment faire ce qu’on ne sait pas faire”. Através desse título, Laferrière também institui um sutil envio intertextual àquele que talvez seja seu romance mais conhecido, sua obra de estreia, **Comment faire l’amour avec un nègre sans se fatiguer**. Ele indica, assim, justamente porque é um escritor legitimado por sua obra, seu público leitor, os prêmios e distinções recebidos, e pela entronização na Academia francesa, ele pode inovar com o provocante *Autoportrait de Paris avec Chat*.

Na sequência deste trabalho, gostaria de me aprofundar sobre as teorias da memória, sobre a importância do passado e sobre “o impacto dos vestígios na constituição do tecido literário contemporâneo das Américas” (BERND, 2013, p. 19) para talvez enfrentar o desafio que é lidar com esse processo contínuo de construção de identidade e lidar com a complexidade da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. Americanidade/Americanização. **GT ANPOLL – Relações Literárias Interamericanas**. Disponível em <<https://partnership.files.wordpress.com/2008/02/americanidade-e-americanizacao.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2021.

BERND, Zilá. Pesquisadora 1A CNPq, Prêmios e Distinções. Disponível em: <<http://www.zilabernd.com/premios-e-distincoes>>. Acesso em 26 abr. 2021.

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

Editora 34, São Paulo, disponível em: <<https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Lafferri%E8re,%20Dany>>. Acesso em 26 abr. 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? **Interfaces Brasil/Canadá**. Rio Grande. n. 7, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6938/4746>>. Acesso em 10 maio 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. O humor como arma estética e identitária nas obras de Dany Laferrière e Yinka Shonifare. **GRACOATÁ, Revista dos programas de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF**, v.10; n.19; 2005; África novos percursos. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33266/19253>>. Acesso em 19 abr. 2021.

LAFERRIÈRE, Dany. **Autoportrait de Paris avec Chat**. Montréal: Édition du Boréal, 2018.

LAFERRIÈRE, Dany. **Como fazer amor com um negro sem se cansar**. Tradução de Heloísa Moreira e Constança Vigneron. São Paulo: Editora 34, 2012.

LAFERRIÈRE, Dany. **Journal d'un écrivain en pyjama**. Montréal: Éditions Mémoire d'encier, 2013.

LAFERRIÈRE, Dany. **L'énigme du retour**. Montréal: Édition du Boréal, 2009.

LAFERRIÈRE, Dany. C'EST LA QUESTION QUI IMPORTE, **Le Monde**, 2010. Disponível em : <https://www.lemonde.fr/livres/article/2010/03/25/c-est-la-question-qui-importe-par-dany-laferriere_1324224_3260.html>. Acesso em 26 abr. 2021.

LE ROMAN DESSINÉ DE DANY LAFERRIÈRE. **La Grande Librairie**. France Télévisions. 23 mar. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6XnGcutBeEI>> tempo de duração 12:53. Acesso em 26 abr. 2021.

LES QUARANTE AUJOURD'HUI: 35 membres, **Académie française**, Paris. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/dany-laferriere?fauteuil=2&election=12-12-2013>>. Acesso em 26 abr. 2021.

LIVRES ILLUSTRÉS AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT, **Les Éditions du Boréal**. Montréal. Disponível em <<https://www.editionsboreal.qc.ca/catalogue/livres/autoportrait-paris-avec-chat-2598.html>>. Acesso em 26 abr. 2021.

ROMAN FRANCOPHONES AUTO PORTRAIT DE PARIS AVEC CHAT. **Editions Grasset Paris**. Disponível em: <<https://www.grasset.fr/livres/autoportrait-de-paris-avec-chat-9782246815839>>. Acesso em 26 abr. 2021.

TOMASINI, Maristela Bleggi. Memória e literatura. In: BERND, Zilá. Patrícia K. V. (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e das ciberculturas**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2014.(p.125-127)

TRINDADE, Ana Lúcia. Autobiografia. In: BERND, Zilá. Patrícia K. V. (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e das ciberculturas**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2014.(p.23-25)